



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 20/05/2022 a 26/05/2022

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

### Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>20/05/2022</b>	17,05	429,90	80,93	11,68	7,78
<b>23/05/2022</b>	16,87	422,50	80,47	11,90	7,86
<b>24/05/2022</b>	16,93	427,10	80,12	11,54	7,71
<b>25/05/2022</b>	16,81	424,20	78,92	11,48	7,72
<b>26/05/2022</b>	17,26	428,20	80,52	11,43	7,65
<b>Média</b>	<b>16,98</b>	<b>426,38</b>	<b>80,19</b>	<b>11,61</b>	<b>7,74</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

### Médias semanais (compra e venda) no mercado físico brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA		
RS – Panambi	178,00	
RS – Não Me Toque	178,00	
RS – Londrina	175,00	
PR – Cascavel	174,00	
MT – C.N.Parecis	164,00	
MS – Maracaju	176,00	
GO - Rio Verde	165,00	
BA – L.E.Magalhães	170,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	90,00	CIF
Porto de Paranaguá	93,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	83,00	
SC – Rio do Sul	85,00	
PR – Cascavel	80,00	
PR – Londrina	80,00	
MT – C.N.Parecis	73,00	
MS – Maracaju	76,00	
SP – Itapetininga	84,00	
SP – Campinas	87,00	CIF
GO – Rio Verde	75,00	
GO – Jataí	75,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	110,00	
RS – Não Me Toque	110,00	
PR – Londrina	102,00	
PR – Cascavel	105,00	

Período: 25/05/2022

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

### Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 26/05/2022

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	84,71	184,72	108,89

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

### Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 26/05/2022

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	69,91
Feijão (saco 60 Kg)	253,46
Sorgo (saco 60 Kg)	66,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,09
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,26**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,21

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Abril/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

A cotação da soja, para o primeiro mês cotado em Chicago, subiu um pouco durante a semana e, na quinta-feira (26), acabou disparando, com forte movimento especulativo, puxado pelas altas do óleo de soja, o qual foi apoiado pelas altas do petróleo, voltando a romper o teto dos US\$ 17,00/bushel, para se estabelecer, no fechamento deste dia, em US\$ 17,26/bushel, contra US\$ 16,90 uma semana antes.

Os fundamentos do mercado são os mesmos das últimas semanas, com o clima nos EUA sendo, hoje, o elemento mais importante. Enquanto a safra do país norte-americano não se definir, o mercado da oleaginosa continuará com grande volatilidade.

Vale lembrar que, durante a semana, a soja sofreu forte pressão baixista devido ao recuo nas cotações do milho e trigo, porém, acabou não cedendo.

Por sua vez, até o dia 22 de maio, com a melhoria do clima nos EUA, o plantio da oleaginosa naquele país avançou mais, chegando a 50% da área total, contra a média histórica de 55% para a época. Cerca de 21% das lavouras semeadas já haviam germinado, contra a média histórica de 26%.

Enquanto isso, na semana encerrada em 19 de maio, os embarques de soja por parte dos EUA chegaram a 575.781 toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. Em todo o ano comercial atual os EUA já exportaram 49,1 milhões de toneladas, o que significa 13% a menos do em igual período do ano anterior.

Pelo lado da demanda, a China aponta que recebeu 6,3 milhões de toneladas de soja oriunda do Brasil. Foi um aumento de 120% sobre o registrado em março, devido a chegada de navios atrasados. Em abril de 2021 o volume recebido foi de 5,08 milhões de toneladas, sendo o Brasil o principal fornecedor de soja aos chineses nestes últimos tempos. Com a recuperação dos atrasos, provavelmente maio também registrará importações importantes vindas do Brasil. Já dos EUA, a China recebeu 1,64 milhão de toneladas em abril passado, contra 3,37 milhões em março. Nos primeiros quatro meses do ano, as importações chinesas de soja do Brasil ficaram em 12,7 milhões de toneladas, contra 6,42 milhões de toneladas no mesmo período do ano anterior. Por sua vez, os embarques dos Estados Unidos chegaram a 15 milhões de toneladas, abaixo das 21,3 milhões de toneladas de um ano antes. Em alguns momentos, no início do corrente ano, os compradores chineses se voltaram para a soja dos EUA porque, com a safra brasileira diminuída, aquela estava mais barata. Já para setembro, os esmagadores chineses de soja diminuiram as compras devido as fracas margens de trituração. Tais margens caíram, desde o início de março, e estavam negativas em 41,97 dólares por tonelada uma semana atrás. (Cf. Alfândega da China)

Dito isso, o mercado acredita que, diante do recuo na demanda por óleo de soja na China, deve haver redução do consumo da oleaginosa no maior consumidor mundial do grão, já que os lockdowns para impedir a propagação de Covid-19 fecharam restaurantes e cantinas por lá. A China é o maior consumidor mundial de óleos comestíveis, sendo que cerca de metade das 17 milhões de toneladas de óleo de soja usadas, todos os anos, vai para fritar alimentos. A demanda por todos os óleos comestíveis, no ano comercial 2021/22, iniciado em setembro passado, deve cair 8,45% em relação ao ano anterior, ficando em 39 milhões de toneladas. Se confirmado,

será o primeiro recuo neste século XXI, de acordo com o Centro Nacional de Informações sobre Grãos e Óleos do governo chinês. Em março, o consumo de óleo de soja na China caiu 11% e em abril 15%, quando comparado com os mesmos meses de 2019, último ano sem pandemia. Assim, o uso total de óleo de soja será de 16,7 milhões de toneladas em 2022, com uma queda de cerca de 500.000 toneladas em relação a 2019. (cf. Reuters) De acordo com tradings internacionais, por enquanto os chineses cobriram apenas cerca de 30% de sua demanda mensal de importação de soja para julho e 20% para agosto. Enfim, pelo lado do farelo, a produção industrial de ração animal da China, em abril, caiu quase 11% em relação ao ano anterior, ficando em 22,5 milhões de toneladas, com a ração para suínos caindo 15,2%, devido a matérias-primas caras e margens de ganhos fracas na produção destes animais., conforme a Associação da Indústria de Ração da China.

Por sua vez, o USDA projeta que o consumo de óleo de soja se recupere, na China, em 2022/23, com o volume total consumido passando para o recorde de 18,05 milhões de toneladas.

E no Brasil, com o câmbio recuando para R\$ 4,80 por dólar em boa parte da semana, os preços da soja também perderam força, mais uma vez. A média gaúcha, no balcão, ficou em R\$ 184,72/saco, porém, as principais praças de comercialização registraram o valor de R\$ 178,00/saco. Neste momento, considerando estas principais praças, a soja, em termos nominais, está apenas 9,3% superior ao preço médio estadual de um ano atrás, perdendo para a inflação oficial e sobretudo para a elevação dos custos médios de produção. Em termos reais, o preço atual é menor, portanto, do que o praticado um ano atrás, reforçando o fato de que, neste ano, a soja gaúcha tem menos poder de compra do que um ano antes. Isso tudo, sem ainda considerar o enorme prejuízo com a seca na última colheita. Nas demais praças nacionais, o quadro não é muito diferente, embora em parte das regiões produtoras a última safra tenha sido cheia. Os preços médios, nesta semana, oscilaram, nestas praças, entre R\$ 164,00 e R\$ 176,00/saco, enquanto no ano passado, nesta mesma semana, eles estavam entre R\$ 156,00 e R\$ 162,00/saco. Ou seja, um aumento nominal de apenas 5,1% a 8,6% em 12 meses, contra uma inflação oficial de 12,2% no período e um aumento nos custos de produção que supera os 50%.

Além da perda de competitividade de nossa soja no exterior, diante da revalorização do Real, os consumidores internos estão mais afastados do mercado comprador, esperando um aumento na oferta local devido ao baixo volume de soja comercializada na safra 2021/22, assim como pelo fato de, com a proximidade da colheita da safrinha de milho, tudo indica que os produtores terão que vender a soja para liberar espaços nos armazéns, já que a falta de capacidade de armazenagem no Brasil é estrutural e está longe de ser resolvida.

Em paralelo, no Rio Grande do Sul, finalmente a colheita de verão se aproxima de seu término, com soja e milho já superando os 90% da área que foi semeada. O atraso se deve ao clima, sendo que nas últimas semanas as constantes chuvas não só atrasam a colheita como provocam novas perdas em muitas lavouras.

Pelo lado da exportação, o Brasil espera atingir a 11,3 milhões de toneladas de soja em maio, segundo números revisados da Anec. Na semana anterior, o volume esperado era de 11,5 milhões de toneladas. Este volume representa uma redução de 3 milhões

de toneladas em relação a maio de 2021. Já a exportação de farelo de soja, pelo Brasil, deve alcançar 1,9 milhão de toneladas em maio, cerca de 100 mil a menos ante a estimativa da semana anterior, mas um crescimento de 200 mil toneladas sobre maio de 2021. Enquanto isso, ainda segundo a Anec, a exportação brasileira de milho, em maio, deverá ficar em 1,24 milhão de toneladas, sendo que em abril não houve vendas externas do cereal.

Enfim, a Bunge, maior processadora mundial de oleaginosas, mais que dobrou em um ano, o monitoramento dos fornecedores indiretos de soja do Cerrado brasileiro, passando o mesmo de 30% para 64%, com um programa que busca auxiliar a companhia a eliminar o desflorestamento da cadeia produtiva de suas compras. A companhia tem como meta monitorar, até 2025, 100% dos fornecedores indiretos de soja no Cerrado, que totalizam cerca de 16 mil produtores, nas contas da Bunge. A empresa já alcançou o monitoramento de 100% de suas compras diretas no Brasil, Argentina e Paraguai. Atualmente, 52% do Cerrado, que cobre um quarto do território do Brasil, mantém intacta sua vegetação nativa, e preservá-la tem sido uma exigência cada vez maior de consumidores e empresas que valorizam práticas sustentáveis e atividades com menos emissões de carbono. A maior parte das compras de soja da Bunge, no Cerrado, que inclui o Mato Grosso e Estados do Matopiba (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), é de fornecedores diretos, que respondem por 79% da origem, enquanto uma parcela menor é de indiretos. A soja ocupa cerca de 10% do Cerrado, e dados citados pela Bunge indicam que 97% da expansão das lavouras na região, entre 2014 e 2021 ocorreu em áreas abertas previamente, ou seja, sem desmatamento recente. O programa com as revendas, que fornece a essas empresas a estrutura técnica, como o monitoramento via satélite das áreas do Cerrado, é chave para a Bunge conseguir originar 100% de soja do Brasil livre de desmatamento até 2025. A iniciativa, disse a empresa, colabora para que mais de 95% da soja comprada pela Bunge seja livre de desmatamento, nas chamadas regiões prioritárias, tendo como ponto de referência o ano de 2020. (cf. Reuters) Mas nem todos os produtores de soja, ali localizados, estão preparados para estas novas exigências de mercado. Aliás, uma realidade que se percebe em todas as regiões produtoras do Brasil.

## MERCADO DO MILHO

A cotação do bushel de milho, em Chicago, para o primeiro mês cotado, recuou durante esta semana. O fechamento desta quinta-feira (26) ficou em US\$ 7,65, contra US\$ 7,83 uma semana antes. O valor deste dia 26/05 foi o mais baixo, para o primeiro mês em Chicago, desde o dia 11/04 do corrente ano.

Segundo analistas internacionais, as cotações recuaram com a melhoria dos embarques do cereal por parte da Ucrânia; somada a um novo acordo de exportação de milho entre China e Brasil, o qual tira mercado do produto estadunidense, e da melhoria no plantio da nova safra nos EUA. (cf. Farm Futures)

No caso do acordo sino-brasileiro, a China anunciou que começará a importar milho do Brasil, visando reduzir a dependência para com o produto dos EUA e da região do Mar Negro, hoje em tensão devido ao conflito entre Rússia e Ucrânia. Tal acordo pode ameaçar o domínio dos EUA no mercado chinês do cereal. (cf. The Hightower Report)

Por sua vez, os EUA informaram, através do USDA, que a área semeada com milho chegou, no dia 22/05, a 72% do esperado, contra 79% na média histórica. Do total semeado, 39% já emergiram, contra 51% na média histórica para esta data.

Em paralelo, os embarques de milho pelos EUA, na semana encerrada em 19/05, atingiram a 1,7 milhão de toneladas, superando as expectativas do mercado. Neste atual ano comercial, o volume total chega a 40,8 milhões de toneladas, ou seja, 17% a menos do que o exportado em igual período do ano anterior.

Enquanto isso, na Argentina, o governo estuda aumentar o limite de exportação de milho para 35 milhões de toneladas para a atual safra, contra 30 milhões até então. Em dezembro passado, o governo do vizinho país havia limitado as exportações, para o ciclo atual, a 25 milhões de toneladas, contra 41,6 milhões de toneladas no ano anterior, na expectativa de conter a inflação. Agora em maio elevou o limite para o nível atual e pensa em aumentar, portanto, um pouco mais tal limite. Com isso, os argentinos estarão mais presentes no mercado internacional do cereal, concorrendo com o Brasil.

A colheita de milho, safra 2021/22, na Argentina, para uso comercial, está prevista em 49 milhões de toneladas, segundo a Bolsa de Cereais de Buenos Aires, sendo que 44% da mesma já estava concluída na semana passada. Por enquanto, 27 milhões de toneladas já estariam vendidas.

E no Brasil os preços do cereal voltaram a recuar. A média gaúcha, no balcão, ficou em R\$ 84,71/saco, enquanto nas demais praças os preços oscilaram entre R\$ 73,00 e R\$ 85,00/saco. Neste momento, em termos nominais, a média gaúcha está menor do que os R\$ 88,35/saco de um ano atrás. Portanto, em termos reais as perdas no preço são ainda maiores. Nas demais praças as perdas nominais médias, em relação aos preços do ano passado, nesta época, ficam ao redor de 11%. Considerando que a inflação oficial está em 12,2% no período, o poder de compra do saco de milho, nas demais praças brasileiras, em termos reais, recuou quase 25% neste momento. E se levarmos em conta a forte alta dos custos de produção, na altura de 55%, a situação piora sensivelmente.

Já na B3 o contrato julho/22, no início do pregão desta quinta-feira (26), era cotado à R\$ 90,39/saco; setembro valia R\$ 93,46; novembro R\$ 95,75; e janeiro/23 R\$ 97,91/saco. Além dos fatores externos, o início da colheita da safrinha começa a derrubar os preços internos do cereal. Hoje os portos brasileiros trabalham na faixa entre R\$ 90,00 e R\$ 93,00 e não se fala mais em R\$ 100,00/saco. (cf. Brandalitze Consulting)

Além disso, o frio que chegou com o ciclone na semana anterior não trouxe geadas nas principais regiões produtoras brasileiras, havendo incidências apenas pontuais, não se esperando grandes perdas no Paraná, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais, onde o fenômeno teria ocorrido sobre a safrinha. Assim, as negociações com milho, no país, seguiram lentas.

No Mato Grosso, a colheita da safrinha registrava 1,2% da área no dia 20/05, indicando que o processo deverá se acelerar daqui em diante. A mesma começa antes do que

ocorreu no ano passado e também supera a média histórica, que é de 0% nesta data. (cf. Imea)

Já no Paraná, 14% das lavouras entraram em maturação e 60% estão em frutificação. 84% do total das lavouras apresentam condições entre boas a excelentes, 14% médias e apenas 2% ruins. Quanto a safra de verão, a colheita está praticamente encerrada, tendo fechado com 32% das lavouras em boa situação, 48% médias e 20% ruins. (cf. Deral)

E no Mato Grosso do Sul, segundo a Famasul, a safrinha teria sido feita sobre 2 milhões de hectares aproximadamente, o que representa 12,6% a menos do que no ano anterior. A expectativa de produção continua em 9,34 milhões de toneladas naquele Estado. Neste momento, 89,5% das lavouras estão em boas condições e apenas 2,3% em situação ruim. Em termos de preços, na semana anterior o saco de milho perdeu quase um real, ficando em R\$ 76,04. Em 12 meses o mesmo já perdeu 18,3%, pois no mesmo período do ano passado estava valendo R\$ 94,34, contra a média de R\$ 77,08 registrada até este momento, neste mês de maio. Por enquanto, os produtores sul-matogrossenses negociaram 21% da safrinha esperada, estando 10 pontos percentuais abaixo do comportamento do ano anterior.

Em termos de exportação, nos primeiros 21 dias úteis de maio o Brasil acumula, no mês, um total de 801.033 toneladas vendidas ao exterior. Este volume já corresponde a 5.654% acima do volume embarcado em todo o mês de maio de 2021. Com isso, a média diária de embarques ficou em 53.402 toneladas, contra apenas 663 toneladas do mês de maio de 2021. Enfim, o preço por tonelada obtido cresceu 20,4% no período, saindo dos US\$ 295,50 no ano passado para US\$ 355,70 neste mês de maio. (cf. Secex)

Por outro lado, o país importou 85.013 toneladas de milho no mesmo período de maio, o que significa que recebeu 36,5% a mais do que o importado em todo o mês de maio de 2021. A média diária de volume importado, neste mês de maio, é 91% superior a média registrada em maio do ano passado. O valor da tonelada importada aumentou 21,5% de um ano para outro, se fixando agora na média de US\$ 277,10/tonelada.

Enfim, vale destacar, em relação ao acordo comercial entre Brasil e China, para a exportação de nosso milho, que o processo ainda precisa de um acordo sobre equivalência de transgênicos para ser finalmente viabilizado, segundo a Abramilho. Sobre isso, os chineses têm interesse em realizar acordo de equivalência regulatória de milho transgênico para permitir comércio, até porque já teriam feito compras antecipadas do cereal brasileiro para embarque em setembro. Com a safrinha muito boa que se espera, o país deverá ter milho suficiente para atender igualmente a demanda chinesa. A China tem transgênicos aprovados de outros países semelhantes aos existentes no Brasil, mas mesmo assim é preciso um acordo de equivalência de biotecnologia entre os dois países para viabilizar tais exportações.

## MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, em Chicago, para o primeiro mês, fechou a quinta-feira (26) em US\$ 11,43/bushel, após US\$ 12,00 uma semana antes.

Esse recuo ocorre mesmo com a continuidade no atraso do plantio do trigo de primavera nos EUA. Tal plantio, até o dia 22/05, atingia a 49% da área esperada, contra 83% na média histórica para esta data. Além disso, 29% das lavouras semeadas haviam germinado, contra a média histórica de 50%. Ao mesmo tempo, o USDA informou que o índice de lavouras de trigo de inverno, em boas ou excelentes condições, passou de 27% para 28% nesta última semana, contra 47% no ano passado neste mesma época.

Por outro lado, os EUA embarcaram 309.501 toneladas de trigo na semana encerrada em 19/05, ficando este volume dentro do esperado pelo mercado. O total embarcado no atual ano comercial soma 19,7 milhões de toneladas, ou seja, 21% a menos do que o registrado no mesmo período do ano anterior.

Já na Ucrânia, país em guerra com a Rússia, os agricultores locais conseguiram terminar a semeadura do trigo de primavera, sendo que a área ficou 25% abaixo do registrado no ano anterior, devido justamente à guerra. A Ucrânia espera fechar a semeadura em 14,2 milhões de hectares somando todas as culturas de primavera.

E aqui no Brasil os preços do trigo se mantêm em elevação. A média gaúcha, nesta entressafra, atingiu a R\$ 108,89/saco no final da presente semana, sendo que as principais praças de produção atingiram a R\$ 110,00/saco. Um ano antes, a média gaúcha era de R\$ 83,81/saco. Isso significa que, em termos nominais, o preço do trigo gaúcho subiu praticamente 30% nos últimos 12 meses, ou seja, bem acima da inflação oficial (12,2%), porém, ainda longe de compensar a forte elevação dos custos de produção no período. No Paraná, os preços oscilaram entre R\$ 102,00 e R\$ 105,00/saco, contra R\$ 82,00 no final de maio do ano passado.

Com isso, a média gaúcha, em valores reais, bateu novo recorde nesta semana. Tais valores aumentam porque não há mais oferta de trigo brasileiro, especialmente o de boa qualidade, ao mesmo tempo em que Argentina e Ucrânia deverão registrar menos produção neste nova safra. E isso que a nova revalorização do Real torna o trigo importado mais barato. Entretanto, os preços internacionais do cereal, a partir da Bolsa de Chicago, continuam muito elevados. Com o pouco trigo disponível no mercado doméstico, até setembro, como se esperava, os preços do trigo tendem a continuar subindo. Os mesmos ficam regulados pela paridade de importação, a qual dependerá do câmbio no Brasil. Novas desvalorizações do Real tornam o produto importado mais caro, puxando para cima o preço interno e vice-versa. Assim, não se pode descartar a tonelada do produto subindo para R\$ 2.600,00 (equivalente a R\$ 156,00/saco), aumentando em 30% o valor do produto importado posto nos moinhos. Obviamente, tal quadro agravará o cenário de inflação junto aos consumidores brasileiros. (cf. TF Agronômica)

Dito isso, o Estado de São Paulo deverá destoar dos três Estados do Sul do país, pois tende a semear 9,1% menos de trigo neste ano, com sua área final ficando em 89.900 hectares. Com isso, a produção deverá cair para 264.100 toneladas, desde que o clima colabore. Além do elevado custo de produção, pesa nessa decisão paulista o aumento na área plantada com o milho safrinha. (cf. IEA-Apta)

Enfim, e como o esperado, o frio que veio com a chegada do ciclone na semana passada, no sul do Brasil, foi positivo para as lavouras de trigo da região. Mesmo no Paraná, onde já estariam semeadas 46% da área estimada para o cereal neste inverno. No Rio Grande do Sul, o plantio está apenas começando.

Por outro lado, pesquisa realizada em dezembro passado no Brasil, e agora divulgada, buscando verificar o posicionamento do consumidor brasileiro quanto ao trigo transgênico, que teve aprovação para comercialização na Argentina, mostrou que mais de 70% da população não teria restrição em consumi-lo. Diante desse resultado, a Associação Brasileira das Indústrias de Biscoitos, Massas Alimentícias e Pães & Bolos Industrializados (Abimapi), que encomendou a pesquisa e era inicialmente contra a adoção do trigo transgênico, disse que não tem mais motivos para adotar uma postura contrária. Lembrando que a Argentina é nosso principal fornecedor de trigo e que grande parte da soja e do milho produzidos no Brasil, e em outros grandes fornecedores globais, como os Estados Unidos, é transgênica. Mas sempre houve maior preocupação da indústria sobre a aceitação do trigo, mais consumido diretamente pelas pessoas, enquanto os outros produtos são usados, em sua maioria, como matéria-prima para ração animal. (cf. Reuters)

A Argentina aprovou, em outubro de 2020, o trigo transgênico HB4, tolerante à seca e resistente a herbicida, da empresa Bioceres, mas a comercialização do produto ficou condicionada a um aval do Brasil, o que aconteceu em novembro do ano passado exclusivamente para importação de farinha produzida a partir do cereal transgênico. Agora em maio, após a autorização do órgão de biossegurança brasileiro CTNBio em 2021, o governo argentino permitiu à Bioceres a venda de sementes aos produtores argentinos. Por ora, contudo, a empresa não iniciou a comercialização, pois ela ainda está avaliando os prazos para comercializar seu trigo HB4. A avaliação ocorre enquanto há resistências de um elo importante da cadeia, os compradores de trigo, especialmente moinhos brasileiros, representados pela Abitrigo. Segundo a entidade, o Ministério da Agricultura do Brasil decidiu não convocar uma reunião do Conselho Nacional de Biossegurança (CNBS), constituído por ministros, que teria poder de barrar a decisão do órgão técnico CTNBio sobre a farinha de trigo transgênico. Enfim, para que a farinha argentina venha a ser comercializada no Brasil, ainda há o entrave da legislação de rotulagem, que tem quase 20 anos e está “defasada”. No Brasil, a indústria é obrigada a colocar na embalagem um “T” quando há transgênico, e ainda teria de especificar a variedade de trigo que origina a farinha. Ora, a partir do momento em que mais variedades estiverem no mercado, isso seria um problema para a indústria, que manda produzir lotes de embalagens para durar meses ou às vezes anos, se a legislação não for atualizada. (cf. Reuters)